

TRADUÇÃO: EXPECTATIVA DA FÉ*

(SØREN KIERKEGAARD)

POR: ELISABETE MARQUES JESUS DE SOUSA

EXPECTATIVA DA FÉ¹

DIA DE ANO NOVO

ORAÇÃO

Mais um ano passou, Pai celeste! Agradecemos-te por se ter somado ao tempo da graça e por não ficarmos atemorizados por também haver de ser contado quando prestarmos contas; pois nós confiamo-nos na tua misericórdia. Eis diante de nós o Ano Novo com as suas exigências²; e, se bem que entremos nele acabrunhados e preocupados, porque não podemos nem queremos ocultar de nós o pensamento do prazer do olhar que

* A presente tradução baseia-se no texto dinamarquês *Troens Forventning*. Publicado em: *In Samlede Værker*. Drachman, A.B.; Heiberg, J. L.; Lange, H. O. (org.), 14 vols. Copenhaga, 1901,1906; vol. III, pp. 15-34.

Os direitos da tradução pertencem exclusivamente à tradutora. Para autorização para reproduzir o texto, mesmo que parcialmente, pede-se que contate Elisabete M. de Sousa (elisabetemdesousa@mail.com)

¹ Na presente tradução, a indicação de página remete para a terceira edição de *Samlede Værker*. Na página web sks.dk, é possível localizar tanto esta numeração de página como a da quarta edição, Søren Kierkegaards Skrifter, bastando para tal clicar nas duas possibilidades disponíveis.

As notas da tradutora remetem quase exclusivamente para passos da Bíblia relevantes para o entendimento da frase em questão, com quatro delas a esclarecer opções tradutivas e/ou intertextualidade relevante com outras obras do autor.

² O termo *fordring* é aqui usado na dupla valência de “exigência” e de “crédito”. Vd. igualmente *Estádios no Caminho da Vida*, SKS 6:439.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

encantou, da doçura da vingança que seduziu; da cólera que nos tornou implacáveis, do coração frio que fugiu para longe de Ti; também nós, assim, não entramos nele, de fato, de mãos inteiramente vazias; pois também quisemos realmente levar connosco recordações das temíveis dúvidas que foram aquietadas; das preocupações silenciosas que foram reconfortadas, do ânimo acabrunhado que se reergueu, da alegre esperança que não foi humilhada. Sim, quando, em instantes pesarosos, quisermos fortalecer e encorajar a nossa mente com pensamentos de grandes homens, Teus instrumentos escolhidos, que em difíceis agonias da tentação³, o coração tomado de angústia, mantiveram a mente livre, a coragem incólume, o céu aberto; assim também nós queremos juntar-lhes o nosso testemunho na certeza de que, mesmo se a nossa coragem em comparação com a deles é tão-só desalento, o nosso poder, impotência, assim também Tu, todavia, és o mesmo, o mesmo Deus poderoso que põe à prova os espíritos em combate, o mesmo Pai, sem cuja vontade nem um pardal cai ao chão⁴. Ámen.

A EPÍSTOLA QUE ESCREVE S. PAULO AOS GÁLATAS, CAP. 3, VERSÍCULO 23 ATÉ AO FIM⁵

É no primeiro dia do ano que aqui nos reunimos, devotos ouvintes! A festa que hoje celebramos não tem designação eclesial e, contudo, para nós, a sua solenidade não é menos bem-vinda, nem é menos sério o seu convite à meditação serena. Eis-nos aqui congregados na casa de Deus, |16| onde sempre se deve falar acerca do mesmo, se bem que de modos diversos, de acordo com o tempo e a oportunidade. Um ano passou e um novo ano começa; ainda nada nele aconteceu; o passado está encerrado, o presente não está, só o porvir é o que não é. Na vida quotidiana, costumamos de vez em quando desejar o bem uns aos outros. Tal como cremos então conhecer a situação específica de uma pessoa, os seus pensamentos e acções, opinamos estar em condições de, na mesma medida, arriscarmos desejar-lhe um determinado bem que justamente se adequa a ele e à sua vida. Também nesse dia não deixamos de mostrar às outras pessoas a nossa boa vontade e empatia por via de lhes desejar este ou aquele bem. Mas como nesse dia o pensamento sobre o porvir, ou a insondável possibilidade que nele se encontra, para nós

³ Para *anfægtelse/anfægtelser* a opção no presente texto é “agonias da tentação”.

⁴ Mateus, 10:29.

⁵ Gálatas, 3:23-29.

se torna muitíssimo vívido, o nosso desejo é tendencialmente de um carácter mais geral, porque depositamos esperança em que a maior abrangência do desejo venha a conseguir mais facilmente agarrar a diversidade do porvir; porque sentimos a dificuldade que há em desejar algo determinado em relação ao indeterminado e ao indeterminável. Todavia, não deixamos que essa dificuldade trave o nosso desejo, não damos tempo ao pensamento para inquietar os enigmáticos e indeterminados impulsos do coração, seguimos uma boa vontade, a qual, se bem que não mereça a honra de levar o nome de amor, também não deve ser desconsiderada como leviandade. Só abrimos uma exceção no que diz respeito a uma única pessoa. Por ela, bate mais veloz o nosso coração, preocupamo-nos mais com o seu bem-estar. Quanto mais é este o caso tanto mais cientes ficamos da dificuldade. À medida que o pensamento mergulha no porvir, perde o rumo nesse seu esforço febril para extorquir ou arrancar uma explicação ao que é enigmático; escrutinando, corre de uma possibilidade para outra, mas é em vão; e durante tudo isso a alma que deseja cai numa tristeza melancólica, fica à espera de que o pensamento houvesse de regressar com a informação do que ela ousaria desejar com todo o seu íntimo fervor. O que outros fazem facilmente e sem esforço, a essa pessoa, parece árduo e difícil; o que ela própria facilmente faz aos outros, parece-lhe árduo em relação àquele que ama, e a dificuldade torna-se maior quanto mais ela ama. Por fim, fica perplexa; não quer que a pessoa amada escape ao seu poder, não quer entregá-la à violência do porvir e, contudo, tem de ser; quer vê-la acompanhada de todos os desejos bons e, contudo, não tem um único que seja.

Se a alma preocupada de uma pessoa se sentir encurralada nesta dificuldade como um recluso, então, decerto que os testemunhos que havia escutado nesses lugares sagrados lhe viriam à mente, [17] talvez fosse até lá para examinar e escutinar se não haveria um desejo que fosse tão seguro que ela se atrevesse a colocar nele todo o íntimo fervor da sua alma, sem dele retirar qualquer parte para um outro desejo que fosse igualmente relevante para a pessoa amada; um desejo tão seguro que antes seria de temer que ela não sentisse o fervor íntimo suficiente para o desejar como ele deveria ser desejado; um desejo que ela não necessitasse de fazer acompanhar de novos desejos para que tivesse de persistir; um desejo que não persistisse perfidamente depois de se haver terminado de o desejar; um desejo que não dissesse respeito a uma coisa particular, que não houvesse de ter esquecido uma outra coisa particular a qual mais tarde pudesse sobrepor-se, perturbando; um desejo que não dissesse respeito ao presente, mas se adequasse ao porvir, da mesma

maneira que essa era efetivamente a ocasião que ela desejava. Se houvesse um tal desejo, então ficaria livre e alegre, alegre por via do seu desejo, mais alegre por poder desejá-lo ao outro.

E nesses locais sagrados fala-se realmente de muitas coisas boas. Fala-se dos bens do mundo, da saúde, de dias alegres, de riqueza, de abundância, de ventura, de uma memória gloriosa; e previne-se contra elas; pois previne-se quem as tem para que não creia nelas; e previne-se quem as não tem para não pôr nelas o coração. Sobre a fé, faz-se um outro discurso. Diz-se que é o supremo bem, o mais belo, o mais precioso, a riqueza de toda a bem-aventurança, não é para ser comparada com qualquer outra coisa, nem para ser substituída. Ora, será a fé assim tão diferente de todos os outros bens, por ser o bem supremo, sendo no restante da mesma espécie, passageira e instável, apenas concedida a alguns eleitos, raramente para toda a vida? Se assim fosse, tornar-se-ia então deveras inexplicável que nesses lugares sagrados sempre se falasse única e exclusivamente da fé e que fosse louvada e celebrada vezes sem fim. Quem houvesse de discursar até teria ou de estar na posse desse bem ou de ter falta dele. Se o possuísse, então certamente que diria: “Admito de bom grado que é o mais magnífico de todos, mas exaltá-la em detrimento de outros, não! Não posso fazê-lo, seria de facto muito mais duro para os que não a têm; além disso, acresce a este bem uma dor secreta que me torna mais só do que os mais difíceis sofrimentos”. E realmente tratava-se de um nobre e benévolo pensamento seu. Mas quem não a tivesse, com efeito, não seria capaz de celebrá-la. Assim, aconteceria então o oposto daquilo que acontece; a fé passaria a ser o único bem que nunca era mencionado nesses lugares; pois seria demasiado grande para alguém ousar prevenir contra |18| ela, demasiado magnífica para se atrever a exaltá-la por temer que houvesse de estar presente alguém que não a tivesse ou que não conseguisse alcançá-la. Assim sendo, a fé é então de um outro carácter; não se limita a ser o supremo bem, é antes o bem que pode ser partilhado por todos; e aquele que pela sua posse achar alegria alegra-se simultaneamente por toda a incontável espécie humana; “pois o que eu possuo”, diz ele, “todo o homem possui ou pode possuir”. Quem a deseja para outro homem deseja-a para si mesmo; quem para si mesmo a deseja para todos os homens a deseja; pois aquilo por via do qual um outro homem a tem não é aquilo por via do qual ele é diferente desse, é antes aquilo por via do qual ele é igual a ele; aquilo por via do qual ele a possui não é

aquilo que ele tem de diferente dos outros, é antes aquilo por via do qual ele é exatamente igual a todos.

Era então um desejo como este que esse homem perplexo buscava; era capaz de o desejar para outra pessoa com todo o seu coração, com todo o seu poder, com toda a sua alma, ousaria continuar a desejar com mais e mais ardor, à medida que o seu amor assim ficasse⁶. — Seria assim que ele então a desejaria —.

Se houvesse uma pessoa que fosse ter com outra e lhe dissesse: “Tenho ouvido muitas vezes exaltar a fé como o mais magnífico dos bens; sinto bem que não a possuo, perturbam-me a confusão da minha vida, a minha mente dispersa, as minhas muitas preocupações e tantas mais coisas, mas sei que tenho um só desejo, o único: que me coubesse ter fé”; se lá estivesse alguém de boa vontade a quem ele se dirigisse, responderia: “É um belo e piedoso desejo do qual não debes abdicar; então, decerto que será cumprido” — não é verdade? Agradar-lhe-ia que fossem palavras afetuosas e escutá-las-ia de bom grado, pois realmente todos nós ouviremos de bom grado alguém discursar quando fala do cumprimento dos nossos desejos. Todavia, o tempo passava e ele não avançava. Dirigiu-se então a outra pessoa e confiou-lhe igualmente a sua preocupação e o seu desejo. Ela olhou-o com seriedade e disse-lhe: “Como podes ter caído em tal erro? O teu desejo não se limita a ser belo e piedoso; não debes desistir dele a custo nenhum; estás muito mais próximo dele do que tu mesmo crês; pois é teu dever haveres de ter fé e, se não a tiveres, então é por culpa tua e é pecado.” Decerto que poderia ficar estupefacto com estas palavras, porventura pensaria: “Então a fé não será assim tão magnífica como a descrevem, já que pode ser adquirida com tanta facilidade; uma coisa que seria deveras absurda. Viajamos por esse vasto mundo fora atrás dos outros bens; estão escondidos num lugar distante que só é alcançável correndo as gentes grande perigo; |19| ou, se não for este o caso, acontece então com a encomenda despachada o mesmo que com a água no tanque de Betesda⁷, acerca da qual lemos na sagrada Escritura: de vez em quando desce sobre ela um anjo e agita-a; e aquele que chegar primeiro — sim, aquele que chegar primeiro será afortunado”. Com a fé, ao invés, com o bem supremo, não deveria ser esse o caso; não deveria antes estar associada alguma dificuldade à sua aquisição? No entanto,

⁶ Marcos, 12:30-31.

⁷ Como está descrito na cura do paralisado em Betesda; vd. João 5:1-9, em particular, v. 4.

decerto que ele pensaria nisso mais seriamente e, quando então tivesse cismado nisso bem profundamente, talvez então dissesse: “Ele afinal tinha razão, é assim, foi um discurso corajoso, no qual havia vigor e significado; é assim que se deve falar a uma pessoa; pois o desejo a ninguém traz proveito”. Então decerto que ele iria com toda a tranquilidade encetar movimentos no seu íntimo; e de cada vez que a sua alma quisesse pôr-se a repousar num desejo, então chamá-la-ia para lhe dizer: “Sabes que não tens de desejar”; dito isto, seguiria em diante. Quando se lhe angustiasse a alma, então chamá-la-ia para lhe dizer: “Se te angustias então é porque desejas; pois a angústia é forma do desejo e sabes bem que não podes desejar” – seguiria então em diante. Se o desespero estivesse por perto, quando ele dissesse “não consigo, todas as outras pessoas conseguem, só eu é que não. Oh! Que eu nunca tivesse escutado tais palavras, que me tivessem deixado seguir o meu caminho, sem me perturbarem — e com o meu desejo;” ele chamaria então a sua alma para lhe dizer: “Agora estás a ser dissimulada; pois dizes que desejas e fazes parecer que se estava a falar daquilo que se pode desejar como sendo algo exterior, ao passo que sabes que é algo interior o que apenas se pode querer; iludes-te a ti mesmo, pois dizes assim: «Todas as outras pessoas conseguem, só eu não»; e, contudo, sabes que aquilo por via do qual as outras pessoas o conseguem é aquilo por via do qual elas são precisamente iguais a ti; ora, se realmente fosse verdade que tu não consegues, então, os outros também não o conseguiriam. Assim sendo, não só traís a tua própria causa, mas, posto que isso de ti depende, traís a causa de todas as pessoas; e, enquanto humildemente te exclus do número delas, matas perfidamente a sua energia!” — Seguiu então em diante. Se assim tivesse sido educado, por lento e largo tempo, pelo mestre disciplinador⁸, então talvez se tivesse abeirado da fé. “Tinha sido educado” como se fosse outra pessoa que o tivesse feito. Afinal, não é este o caso; é tão-somente um mal-entendido, apenas uma aparência. Uma pessoa pode fazer muito por outra, mas não é capaz de lhe dar a fé. No mundo, ouvimos discursos distintos. Diz um deles: “A minha formação é propriamente obra minha; não devo nada a ninguém” [20]; e em sua opinião é de ousar ter orgulho nisso. Diz outro: “Esse notável mestre foi meu professor e, para mim, conta como honra ousar designar-me como seu discípulo”; e em sua opinião é de ousar ter orgulho nisso. Não iremos decidir até que ponto semelhante discurso está bem fundamentado; mas para nele

⁸ Em Gálatas, 3: 24-25, o termo é “aio”. Na tradução da Septuaginta de F. Lourenço figura “pedagogo” (*Bíblia*, Vol. II, Lisboa, Quetzal: 2017, pp. 315-316).

haja sentido, no entanto, apenas poderá efetivamente ser dirigido aos que são excepcionalmente dotados: ou àqueles que desde a origem se acautelaram devidamente ou são então tão favorecidos que puderam tornar-se discípulos dos notáveis. Ao invés, devotos ouvintes, nós que fomos demasiado insignificantes para nos tornarmos discípulos, que haveríamos nós de dizer? Se um homem dissesse: “Quando as pessoas desdenharam de mim, dirigi-me então a Deus, ele tornou-se meu mestre e essa é a minha bem-aventurança, a minha alegria, o meu orgulho”; haveria isto de ser menos belo? E, contudo, qualquer pessoa pode dizê-lo, ousar dizê-lo; pode dizê-lo na verdade e, quando não o puder dizer na verdade, então não o faz por o pensamento não ser verdadeiro, mas porque o distorce. Qualquer pessoa ousa dizê-lo. Quer a sua testa fosse quase espalmada como a de um animal ou se erga em abóbada mais altiva do que o céu; quer tivesse o braço estendido para comandar reinos e nações ou para recolher os parques dons que caem da mesa do rico⁹; quer o seu gesto fosse obedecido por milhares ou nem uma alma houvesse que lhe desse atenção; quer lhe brotasse a eloquência dos lábios ou deles saíssem sons incompreensíveis; quer fosse homem viril desafiando a tormenta ou mulher indefesa apenas procurando abrigo da tempestade — isto nada traria para o caso, meu ouvinte, absolutamente nada. Qualquer pessoa ousa dizê-lo, quando possui fé; pois esta magnificência é justamente a magnificência da fé. E tu conhece-la, meu ouvinte, não tens medo quando é nomeada, como se por esse meio te fosse tirada, como se só no instante da despedida pudesses saborear a sua bem-aventurança. Ou não a conheces? Ai! Então serias deveras muito infeliz. Também nem poderias lamentar-te e dizer: o doador dos bons dons¹⁰ passou ao largo da minha porta; também nem poderias lamentar-te e dizer: tormentas e tempestades tiraram-ma; pois o doador dos bons dons não passou ao largo da tua porta e as tormentas e tempestades não te tiraram a fé¹¹, pois não poderiam fazê-lo.

Assim sendo, havia então um desejo em tudo igual ao que esse homem perplexo buscava; já não estava mais em situação de carência. No entanto, surgia uma nova dificuldade; pois, ao querer desejar esse bem, ficou para si claro que não poderia ser obtido através de um desejo; ele próprio não o poderia alcançar por via de o desejar, embora se preocupasse menos com isso, mas também não podia dá-lo a outro por via de

⁹ Na parábola do rico e de Lázaro, em Lucas, 16:19-31, Lázaro é descrito como desejando “alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico” (v. 21).

¹⁰ Possível alusão a Mateus, 7:11.

¹¹ Job, 1:13-19, em particular v. 19.

lhe desejar esse bem; o outro poderia captá-lo, mas só sendo ele a querer [21]. Então, viu-se de novo obrigado a deixá-lo ir, obrigado a entregá-lo a si próprio; o desejo dele era tão impotente quanto anteriormente. E, contudo, não era essa a sua intenção. Ele queria justamente fazer tudo por ele, pois, quando eu desejo algo a alguém, então não lhe exijo concordância. Foi também desta maneira que esse homem perplexo teria imaginado isto. Era como se quisesse dizer àquele que ele amava: “Ora, limita-te a ficar tranquilo e despreocupado, não tens mais nada a fazer que não seja estar alegre, contente e feliz por via de todas as coisas boas que te quero desejar. Desejarei, não me vou cansar; demoverei o bom Deus que reparte todas as boas dádivas, hei de comovê-lo com as minhas orações; e assim tudo haverás de obter”. Vede, ao querer mencionar as coisas boas em particular, que então lhe pareciam tão dúbias que não se atrevia a desejá-las para o outro, ele acabou por encontrar aquilo que então buscava, o que ele podia confiadamente desejar, e ver que isso não era passível de ser desejado!

Ficou de novo perplexo, novamente preocupado, de novo apanhado em dificuldades. Será então que a vida inteira é uma contradição que o amor não consegue explicar, mas apenas tornar mais difícil? Não suportava este pensamento, tinha de buscar uma saída. Tinha de haver algo de errado no seu amor. Então entendeu que, por mais que ele tivesse amado o outro homem, afinal, havia-o amado de uma forma errada; pois se, através do seu desejo, tivesse sido possível provê-lo de todas as coisas boas, e também do bem supremo, a fé, justamente por essa via, teria então feito dele um ser mais imperfeito. Achou então que a vida era bela, que através da fé havia uma nova magnificência, que pessoa nenhuma a pode dar ao outro; mas que o que é mais elevado, o mais nobre, o mais sagrado numa pessoa, isso, cada pessoa o tem, é isso que numa pessoa é o original; cada pessoa tem isso, se o quiser ter; e é isto que é, justamente, o magnífico na fé: o facto de só se poder ter fé nestas condições; por isso, a fé é o único bem indefectível, porque se pode ter por via de ser adquirida continuamente e só é possível adquiri-la por via de ser continuamente criada.

Então o homem perplexo tranquilizou-se; mas talvez tivesse sobrevivido uma mudança naquele mesmo, nesse por cujo bem-estar ele tão preocupado estava, na relação recíproca entre eles. Haviam ficado separados, por assim dizer, por um deles se manter nos seus direitos e o outro se manter firme dentro dos seus limites. As suas vidas haviam

ganho mais sentido do que anteriormente e, contudo, tornaram-se estranhos um para o outro. O coração dele que antes fora tão rico em desejos empobrecera agora [22]; a sua mão que antes estivera tão disposta a ajudar aprendera agora a ficar quieta; pois ele sabia que isso não iria ajudar. Fora a verdade o que ele reconhecera, mas esta verdade não o fizera mais feliz. Eis, assim, a contradição da vida; assim sendo, a verdade não consegue explicá-la, antes só consegue torná-la mais dolorosa; pois quanto maior fosse a profundidade com que a reconheceu tanto mais separado se sentia, tanto mais impotente na sua relação com o outro. E, contudo, não podia desejar que isso fosse uma não-verdade, não podia desejar ter ficado nesse desconhecimento, apesar de os ter separado para toda a eternidade, a tal ponto que a própria morte não teria conseguido separá-los dessa forma. Não estava em estado de suportar este pensamento, tinha de buscar uma explicação; e então entendeu que a sua relação com ele alcançara justamente agora o seu verdadeiro significado. “Se eu”, disse ele, “com o meu desejo ou com a minha dádiva pudesse conceder-lhe o supremo bem, então poderia também tirar-lhe esse bem, embora ele não tivesse que rezear tal coisa; sim! e o que seria bem pior, se eu fosse capaz de o fazer, então no mesmo instante em que lho desse tirava-lho; pois por via de lhe dar o que é mais elevado retirava-lhe o que é mais elevado, pois o mais elevado era ser ele a dá-lo a si mesmo. Por isso, quero agradecer a Deus por assim não ser; o meu amor apenas perdeu uma preocupação sua e ganhou alegria: pois eu sei que nem com todos os meus esforços reuniria afinal condições para lhe conservar o bem de forma tão segura quanto ele próprio o conservará; ele nem deve agradecer-mo; não é por eu o libertar, mas porque ele não me deve absolutamente nada. Haveria eu de sentir agora menos alegria por sua causa, menos alegria pelo facto de ele possuir o mais precioso bem? Oh! Não! Ficarei apenas mais alegre, pois, se ele mo ficasse a dever, isso iria perturbar a nossa relação. E se ele não estiver na posse desse bem, então poderei ser para ele de grande préstimo; pois guiarei o seu pensamento, obrigando-o a entender que esse era o supremo bem, e impedirei que ele escape para dentro de algum esconderijo, e que não ande às escuras sem saber se é capaz ou não de o captar; percorrei com ele todos os pontos fracos até que ele, se não estiver na posse deles, tenha apenas uma única expressão para explicar a sua infelicidade, designadamente, ele não *quer*; não suporta tal coisa e então quer adquirir esse bem. Por outro lado, louvarei a magnificência da fé e, na presunção de que ele a possui, levá-lo-ei a querer possuí-la. Assim sendo, neste primeiro dia do ano, quando o pensamento sobre o porvir nos tenta com a sua múltipla possibilidade, mostrar-lhe-ei então que, na fé, ele

fica na posse do [23] único poder capaz de vencer o porvir; falar-lhe-ei da expectativa da fé”.

E nós, devotos ouvintes, não deveríamos fazer o mesmo? E na oportuna ocasião desta festividade falarmos uns com os outros:

SOBRE A EXPECTATIVA DA FÉ

Quando falamos sobre a expectativa da fé, então também estamos a falar de expectativa no seu geral; quando falamos de expectativa, imaginamos naturalmente que estamos a falar para quem espera alguma coisa. Porém, aqueles que esperam são realmente os alegres e os felizes. É então para eles que se deve primeiramente falar nestes locais sagrados, ou não será preferível ser para os infelizes, os que já fizeram contas à vida e nada esperam? Sim, decerto que se deveria falar para eles, assim o permitisse a nossa voz. Seria caso para lhes dizer que haviam encontrado uma sabedoria bastante mesquinha, a qual era mais do que suficiente para lhes empedernir a mente; dever-se-ia arrancar-lhes a almofada da indolência na qual deixariam a vida deles vegetar ociosamente; seria caso para lhes dizer que era altiva a distinção que em vida haviam adquirido, pois, ao passo que todas as outras pessoas, por mais felizes ou preocupadas que por este mundo andassem, estavam sempre tão prontas a confessar que Deus certamente podia pedir-lhes contas¹²; ao passo que todas as outras pessoas não escondiam que no dia do juízo não seriam capazes de responder a um entre mil¹³; eles reservavam para si estar na posse de um justificado crédito¹⁴ para com a vida que não havia sido resgatado, um crédito que a seu tempo tornaria a prestação de contas bem difícil— mas não para eles. Seria assim que se haveria de falar com eles; no entanto, preferimos falar para os que ainda esperam alguma coisa.

Como o número dos que esperam sempre foi, decerto, o mais alto que há no mundo, também a expectativa deles, por seu turno, pode ser tão diversa que é

¹² Mateus, 12:36; e também 1 Pedro, 4:5.

¹³ Job 9:2-3.

¹⁴ Ver nota 2.

extremamente difícil falar acerca de todos eles. Porém, todos os que esperam têm realmente uma coisa em comum: o facto de esperarem algo que está por vir; pois expectativa e porvir são ideias inseparáveis. É do porvir que se ocupa quem espera algo. Mas talvez que ocupar-se do porvir não esteja certo; a queixa, frequentemente ouvida, de que as pessoas esquecem o presente em favor do porvir estará porventura bem fundamentada. Não negaremos que tenha sido esse o caso neste mundo, pelo menos no nosso tempo, mas também não nos absteremos de lembrar que se trata precisamente daquilo que, numa pessoa, é grande [24], a prova da sua origem divina: ser capaz de se ocupar do porvir; pois se nenhum porvir houvesse, então também nenhum passado haveria, e, se não houvesse nenhum porvir nem nenhum passado, então uma pessoa cairia na servidão tal como o animal, de cabeça curvada para o chão e alma aprisionada ao serviço do instante. Neste sentido, não se poderia bem desejar viver para o presente; também não foi neste sentido que certamente se quis dizer, quando foi recomendado como sendo o que é grande. Mas onde deveríamos nós pôr limites, até que ponto ousaremos nós ocuparmo-nos do porvir? A resposta não é difícil: só quando o tivermos vencido, só então poderemos regressar ao presente, só então a nossa vida alcança significado nele. Porém, trata-se efetivamente de uma impossibilidade; o porvir é realmente tudo, o presente é uma parte dele; como poderíamos nós vencer tudo sem antes termos ainda atingido a primeira parte dele? Como poderíamos nós regressar desta vitória para aquilo que a antecedeu? Não será assim? Será uma dificuldade intempestiva, esta que o pensamento faz a si mesmo? De modo nenhum. Comporta-se justamente como aqui ficou dito; pois não ousaremos louvar toda e qualquer ocupação com o porvir. Quem dela abdicar por completo fica com a sua vida, apenas em sentido indigno, forte no presente; quem não o vencer fica com mais um inimigo que o enfraquecerá na luta com o presente. Portanto, só quem o vence, só esse, verá a sua vida presente ganhar saúde e força.

Ser capaz de se ocupar do porvir é então um sinal da nobreza de uma pessoa; o combate com o porvir é o mais enobrecedor. Quem combater o presente combate uma coisa singular contra a qual pode usar todo o seu poder. Por isso, se uma pessoa não tivesse mais nada para combater, ser-lhe-ia então possível seguir triunfante pela vida fora sem afinal aprender a conhecer-se a si mesmo ou à sua força. Quem luta com o porvir tem um inimigo mais perigoso; não pode ficar-se pela ignorância de si próprio, pois está a lutar consigo mesmo. O porvir não é; toma a força por empréstimo do outro mesmo e,

quando dele a subtrai, mostra-se-lhe então exteriormente como o inimigo que ele deve enfrentar. Ora, por mais forte que uma pessoa queira ser, não há pessoa que seja mais forte do que ela própria. Por isso, vemos muitas vezes esses que na vida triunfaram em todas as lutas ficarem então impotentes, quando se tratou de enfrentar um inimigo futuro; paralisou-se-lhes o braço. Embora estivessem porventura acostumados a desafiar o mundo inteiro para o combate, então, [25] encontraram nesse agora um inimigo, uma silhueta enevoadada capaz de aterrorizá-los. Talvez por isso seja frequente ver os homens que Deus chamou para serem postos à prova no combate e na luta saírem de uma luta pior para uma que às pessoas parecia terrível; no ardor do combate, porventura sorririam por vezes, quando pensavam na luta invisível que anteriormente ocorrera. Tiveram a admiração do mundo, porque se acreditava que haviam triunfado na mais perigosa luta; e, contudo, para eles, era tão-só uma brincadeira em comparação com a ocorrida anteriormente e que nenhuma pessoa vira. É óbvio que aquele que é mais forte do que os outros sai vencedor no combate com eles; mas também é óbvio que nenhuma pessoa é mais forte do que ela mesma. Quando então uma pessoa combate com o porvir, aprende então, por mais forte que aliás ela seja, que há um inimigo mais forte — ele mesmo; o único inimigo que ele não consegue vencer por meio de si mesmo é ele mesmo.

Porém, para quê descrever este combate com o porvir como sendo tão perigoso? “Os mais velhos e os mais novos, todos nós, afinal, já, de fato vivenciaram algo; o porvir não é de todo novo; pois nada de novo há debaixo do sol¹⁵; o porvir é o passado. Os mais velhos e os mais novos, todavia, já temos realmente toda a experiência; iremos envergá-la, seguiremos as pistas da hipótese e as orientações da conjectura; com o poder da inferência iremos vencê-lo e, assim armados, vamos intrépidos ao encontro do porvir.” E, com efeito, fica bem uma pessoa armar-se para o combate, melhor ainda, quando se arma exatamente em função do que exige o combate. Se um homem que houvesse de combater numa corrida envergasse uma pesada armadura, então, estaria bem armado, mas a armadura de nenhum proveito lhe serviria. Não se passa o mesmo no caso dessa arma destinada a quem for combater o porvir; pois a experiência é um amigo de duas línguas, que ora diz uma coisa ora diz outra; e a conjectura é um guia enganador que se escapa de nós quando mais dele necessitamos; e a hipótese é um olhar enevoadado que não avista

¹⁵ Eclesiastes, 1:9.

muito longe, e a inferência é uma emboscada na qual mais depressa uma pessoa se captura a ela própria do que outro alguém. Além disso, essas armas são mais difíceis de usar; pois à conjectura segue-se o temor, à hipótese segue-se a angústia, à inferência segue-se a inquietação, visto que a alma que foi experimentada não permaneceu de fato intranquila durante a experiência. Assim, decerto que podíamos estar então bem armados, se tivéssemos envergado a experiência, mas não seria para o combate que estaríamos para enfrentar, o combate com o porvir; buscaríamos transformá-lo em algo presente, algo particular; porém, o porvir não é um particular, mas o todo.

[26] Como deveríamos então ir ao encontro do porvir? Quando o mareante está no alto mar, quando à sua volta tudo varia, quando as ondas nascem e morrem, ele não baixa então os olhos para as fixar, pois as ondas variam. Ele levanta os olhos para as estrelas; e porquê? Porque são fiéis; onde agora estão também assim estiveram para os nossos antepassados e haverão de estar para as gerações vindouras. Por que meio se vence então o que é variável? Por meio do eterno. Por meio do eterno pode vencer-se o porvir, porque o eterno é o fundamento do porvir, por isso, através deste é possível penetrar naquele. Ora, qual é o poder eterno numa pessoa? É a fé. Qual é a expectativa da fé? Vitória, ou como as escrituras nos ensinam com tanta seriedade e tanta comoção: que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus¹⁶. Mas uma expectativa do porvir que espera vitória, de fato, já venceu o porvir; por isso, o crente terminou com o porvir antes de começar com o presente; pois aquilo que se venceu já não causa perturbação e esta vitória só pode tornar o indivíduo mais forte para a obra presente.

A expectativa da fé é então vitória! A mente alegre que ainda não saboreara as contrariedades da vida, que não havia sido educada na escola do pesar, nem moldada pela equívoca sabedoria da experiência, dá essa anuência de todo o coração; pois espera vitória em tudo, em todas as lutas e agonias da tentação, melhor dito, espera triunfar sem combate. Não desejaríamos ser a figura severa que haverá de fazer parar o jovem no seu caminho; preferiríamos ponderar dar-lhe um consolo quando ele então viesse a saber que esta expectativa, por mais bela que seja, não era afinal a expectativa da fé; preferiríamos ser aquele a quem cabe chamá-lo para a combate, quando ele se sentir impotente; ou ser aquele a quem cabe permitir que a vitória lhe acene, quando ele pensa que tudo está

¹⁶ Romanos, 8:28.

perdido. Ao invés, o preocupado, cujas lágrimas pela perda presente mal secaram, molda o porvir de outra maneira, o porvir que até é leve e fugaz, mais dúctil do que qualquer barro; e, sendo assim, cada um molda-o, sobretudo, tal como ele próprio está moldado. O preocupado não espera vitória, apenas sentiu a perda como excessivamente pesada; e mesmo que pertença a um tempo passado, leva-a afinal consigo, esperando que o tempo futuro, pelo menos, lhe conceda a paz para ter ocupação tranquila com a sua dor. — O homem experiente desaprova o comportamento de ambos. Quando se está na posse de quase todos os bens que é possível desejar, então é melhor ficar preparado para que as preocupações da vida também visitem a casa dos que são felizes; quando [27] se perdeu tudo, então tem de se ponderar que o tempo guarda remédios de grande valor para a alma doente, que o porvir, como mãe carinhosa, também esconde dádivas boas; na felicidade, tem de se estar preparado em certo grau para a infelicidade; e na infelicidade, preparado em certo grau para a felicidade. As palavras dele também não eram vãs; pois o alegre que não for leviano e o preocupado que não estiver desesperado, ambos realmente tomarão de bom grado atenção às palavras dele; ambos acomodarão as respectivas vidas segundo as orientações dele. O que é feliz reflete agora sobre os bens em cuja posse se encontra. Acha que poderia perder alguns sem dor alguma, outros, de um modo que, afinal, lhe tornasse fácil superar a dor. Há tão-somente um único bem que ele não consegue perder sem perder a sua alegria, não consegue perdê-lo em certo grau sem tudo perder e, por essa via, a sua alegria. Estará então preparado para perder os seus bens e, assim, também está de fato preparado, segundo o conselho do homem experiente, para um certo grau de infelicidade. Porém, o homem experiente disse: em certo grau. Com efeito, estas palavras até poderiam igualmente aplicar-se a esse bem que ele não poderia perder sem que perdesse a felicidade, não a perder sem que em certo grau perdesse tudo. O homem experiente não quer comentar as suas palavras, repete-as sem as alterar ou deturpar; deixa a explicação e a aplicação para aquele que elas deveriam guiar. Assim sendo, aquele que é feliz fica então não menos perplexo do que aquele que está preocupado. As palavras “em certo grau”, que deveriam ser a senha, passam a ser o poder vinculante que os cinge; e as palavras continuam a soar, sem nenhum compadecimento, sem se preocuparem com os seus esforços para as entenderem, sem prestarem atenção às suas súplicas por uma explicação. A experiência que queria guiá-los, deu à luz a dúvida; o discurso do homem experiente era um discurso duvidoso.

Ao invés, o crente diz: espero vitória. Esta elocução também não é vã; pois o que é feliz e não foi leviano, o que está preocupado e não estava desesperado, ambos ouviriam de bom grado este seu discurso. A alegria regressa novamente à mente alegre, vitória é a sua expectativa, vitória em todos os combates, em todas as agonias da tentação; pois, ensinava a experiência que poderia haver lutas. Contudo, com a ajuda da fé, espera vitória em todas elas; só se detém um instante consigo mesmo: “É demasiado”, diz ele, “é impossível, a vida não pode ser tão magnífica; por mais rica em suprema felicidade que uma juventude haja sido, esta é muito mais do que a mais alegre esperança da juventude”. Sim, decerto que é mais do que a mais alegre esperança da juventude e, contudo, é assim, embora não inteiramente como tu possas pensar. Falas de muitas vitórias; mas a fé espera tão-somente uma única, melhor dito, espera |28| vitória. Se houvesse um homem que tivesse ouvido falar de que havia uma doutrina com a capacidade de conferir a cada um o que é necessário, eis então o que ele diria: “Isso é de todo impossível! — tudo o que é necessário a uma pessoa, como agora é para mim, tudo o mais que me é necessário”; então aquele que lhe havia assinalado as sagradas escrituras, estaria na sua razão ao ousar dar testemunho de quem nelas encontrasse o necessário; e, contudo, aquele que buscava descobriria que as coisas não se passavam como ele pensara. Dizem as escrituras: Uma única coisa é necessária¹⁷. Também se passa assim com a fé; quando falas de muitas vitórias, és então como aquele que fala do muito que é necessário. Só uma coisa é necessária e a fé espera vitória.

Mas ela espera vitória e, por isso, tem alegria e ânimo; e como não haveria de ser aquele que então espera vitória! Contudo, dou-me conta de uma voz que também decerto conheces, meu ouvinte. Diz ela: “É bom de ouvir, são palavras grandiosas e modos de falar bem-sonantes, mas a seriedade da vida ensina na verdade outra coisa”. O que te ensinou então a seriedade da vida, a ti que falas dessa maneira? Não é verdade que te ensinou que os teus desejos não foram cumpridos, que a tua avidez não foi saciada, que os teus gostos não foram atendidos, que os teus apetites não ficaram satisfeitos? Foi isto que te ensinou, tudo isto, de que nem sequer falamos; e em simultâneo ensinou-te a ir ao auxílio das pessoas com a boca cheia de intrujices¹⁸, para lhes sugar a fé e a confiança do

¹⁷ Lucas, 10:42.

¹⁸ 1 Pedro, 2:22: “O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano;”. Na tradução da Septuaginta de F. Lourenço: “Ele que nenhum erro *cometeu/ Nem qualquer dolo foi encontrado na sua boca;*” (*Bíblia*, Vol. II, Lisboa, Quetzal: 2017, p. 495).

coração, e a fazer isto em nome do sagrado nome da seriedade. Para que te ensinou isto? Não poderia ter-te ensinado outra coisa? Quando duas pessoas aprenderam coisas diferentes com a vida, então, isso pode ser resultado de terem vivenciado algo que era diferente, mas também pode ter resultado de serem elas próprias diferentes. Se porventura duas crianças fossem criadas juntas e partilhassem sempre o mesmo, de tal forma que quando uma fosse enaltecida a outra também fosse, quando uma fosse repreendida a outra também fosse, quando uma fosse castigada a outra também fosse, então, poderiam, contudo, aprender coisas completamente diferentes: pois uma poderia aprender, de cada vez que fosse enaltecida, a não ficar orgulhosa, de cada vez que fosse repreendida, a ser humilde na advertência, de cada vez que fosse punida, a emendar-se através do sofrimento; a outra poderia aprender, de cada vez que fosse enaltecida, a vangloriar-se, de cada vez que fosse repreendida, a exasperar-se, de cada vez que fosse punida, a secretamente deixar crescer a cólera. Também assim se passa contigo. Se porventura tivesses amado as pessoas, talvez a seriedade da vida te tivesse então ensinado a não subir a voz, mas antes a ficar calado e, quando te visses num mar de desgraças sem terra à vista, ao menos, a não meter os outros [29] ao corrente disso; talvez te tivesse ensinado a sorrir, ao menos, enquanto acreditasses que alguém buscava no teu rosto uma explicação, um testemunho. Talvez a vida te tivesse então trazido a amarga alegria de ver os outros serem bem-sucedidos naquilo que tu não foste; e trazido a consolação de que fizeras a tua parte, sufocando o grito de angústia que do teu íntimo subia e que iria perturbá-los. Por que não aprendeste isso? Posto que não aprendeste, então, não podemos prestar atenção ao teu discurso. Não te julgamos por duvidares; pois a dúvida é uma paixão astuciosa e pode bem ser difícil uma pessoa livrar-se das suas ciladas. O que exigimos de quem duvida é que se cale. Certamente que se deu conta de que a dúvida o fazia infeliz; para quê então confiar aos outros aquilo que os faria igualmente infelizes? E que ganharia ele com esta comunicação? Perder-se-ia; e tornaria os outros infelizes. Perder-se-ia, em vez de porventura ter encontrado repouso por via de se calar, preferindo carregar em silêncio a dor solitária em vez de subir a voz, em vez de se tornar importante aos olhos das pessoas por via de aspirar à honra e à distinção pelas quais tantos se deixam atrair — duvidar ou antes ter duvidado. A dúvida é uma paixão profunda e dissimulada, mas aquele cuja alma não a captou tão intimamente que chegou a emudecer limita-se a atribuir falsamente esta

paixão a si próprio; o que ele diz não é de todo uma mera não-verdade em si e para si, mas é-o antes do mais na sua boca. Vê por que motivo não lhe prestamos atenção.

A expetativa da fé é então vitória. A dúvida que vem de fora não a perturba; pois desacredita-se a si mesma ao falar. No entanto, a dúvida é artificiosa, introduz-se insidiosamente numa pessoa vinda dos seus caminhos secretos e, quando a fé espera vitória, então sussurra-lhe que esta espera é uma ilusão. “Uma espera, da qual não se determina nem tempo nem lugar, é tão-somente uma ilusão; dessa maneira, pode-se ficar sempre à espera; semelhante espera é um círculo para dentro do qual a alma foi atraída por feitiço e do qual não consegue escapar”. Com toda a certeza que, na expetativa da fé, a alma fica como que impedida de sair de si própria para cair no que é múltiplice; permanece em si mesma. Mas certamente que esse seria o maior mal que poderia atingir uma pessoa, se viesse a escapar para fora desse círculo. Porém, de modo algum se pode daqui retirar que a expetativa da fé seja uma ilusão. Sim, a ilusão pode gorar a expetativa de quem espera algo particular, mas não é assim que se passa com o crente. Quando o mundo dá início às suas acerbas provações, quando as tempestades da vida despedaçam a piedosa espera da juventude, quando a existência que parecia tão doce e meiga se transforma num proprietário impiedoso [30] que exige tudo de volta, tudo o que dera de forma a poder tirá-lo, então é certo que o crente olha para si e para a sua vida com tristeza e dor, dizendo, no entanto: “Há uma espera que o mundo inteiro não me pode tirar, é a expetativa da fé e esta é vitória. Não estou iludido; pois, quanto ao que o mundo me parecia prometer, não acreditei que houvesse de se cumprir; a minha expetativa não se dirigia ao mundo, mas a Deus. Esta expetativa não está iludida; é justamente neste preciso instante que me dou conta de como a vitória dela é mais magnífica e traz mais alegria do que todas as dores da perda. Viesse eu a perder esta expetativa, e tudo então estaria perdido. Já triunfei, triunfei por via da minha expetativa e a minha expetativa é vitória.

Não foi assim que na vida se deu? Se porventura houvesse uma pessoa para a qual te sentisses atraído tão fortemente que ousasses dizer “acredito nela”, não é verdade que, quando tudo então seguisse de acordo com os desejos, ou se não inteiramente segundo os desejos, então, de tal maneira que facilmente pudesses pô-la em conformidade com as tuas ideias, então acreditarias nessa pessoa da mesma maneira que os outros também acreditavam; mas se acontecesse o inexplicável, o inconcebível, então os outros desertariam, ou melhor (não permitamos que a língua nos confunda), mostrariam então

que nunca haviam acreditado nela. Não é assim que se passa contigo. Deste conta de que não era sobre uma circunstância que havias fundamentado a tua fé e de que eras capaz de explicar como isso acontecera; pois era evidente que se fundamentara na tua inteligência e estava longe de ser uma devoção; era antes confiança em ti mesmo. Parecia-te que seria para ti um escândalo, se a largasses; pois tal como havias suposto que, na tua boca, as palavras “acredito nela” tinham um significado diferente do que quando os outros as proferiam, da mesma maneira sentias ser impossível que a mudança pudesse levar-te a fazer o mesmo que os outros, a menos que a tua fé, originalmente, mais não tivesse que significar. Continuas então a acreditar. No entanto, talvez tenhas agido mal neste ponto; não no acreditar, no acreditar dessa maneira, mas no acreditar numa pessoa dessa maneira. Talvez o inexplicável fosse facilmente explicável; talvez houvesse uma certeza penosa que testemunhava com tal força que a tua fé apenas se tornou um belo fruto da imaginação, do qual preferivelmente deverias abdicar. É coisa que não sabemos. Mas uma coisa sabemos nós; que se esquecesses que a tua fé era uma fé superior, apesar da sua beleza, mais não serviria afinal do que para tua perdição. Se porventura, ao invés, acreditasses em Deus, como haveria então a tua fé de ser alguma vez transformada num belo fruto da imaginação da qual oxalá abdicasses? Haveria então aquele, em quem não há mudança ou sombra de variação¹⁹, de poder transformar-se? Não haveria de [31] ser fiel²⁰ aquele diante do qual cada pessoa, que o seja, é fiel; aquele sem dolo²¹, diante do qual tu mesmo tiveste fé? Haveria de aparecer alguma vez uma explicação que fosse capaz de explicar de modo diferente do que dizer que ele é verdadeiro e cumpre as suas promessas? E, contudo, vemos que as pessoas se esquecem disto.

Quando são bem-sucedidos em tudo, quando têm dias bons, quando de um modo estranho se sentem em consonância com tudo à sua volta, então creem, e na sua alegria decerto não se esquecem de agradecer sempre a Deus; pois qualquer pessoa de bom grado ficará grata pelos bens que recebe, mas o coração de cada pessoa também é suficientemente fraco para ser ele próprio a determinar com igual grado o que é o bem. Quando tudo se transforma, quando o pesar toma o lugar da alegria, então desertam, então perdem a fé, ou melhor, pois não nos deixemos confundir pela língua, então mostram que

¹⁹ Tiago, 1:17.

²⁰ Salmos, 33:4.

²¹ Vd. acima nota 17.

nunca a tiveram. Mas não foi desta maneira que procedeste, meu ouvinte. Quando te apanhaste a ser transformado por via de tudo à tua volta se ter transformado, disseste então: “Confesso que agora entelijo que aquilo a que eu chamava a minha fé era apenas fruto da imaginação. O que de mais elevado uma pessoa pode fazer na sua relação com o outro, que é acreditar nele, o que ainda é mais elevado e mais belo, mais bem-aventurado do que a língua é capaz de descrever — acreditar em Deus, foi o que na minha arrogância imaginei eu mesmo fazer; e a todas as minhas restantes alegrias juntei também esta; e, contudo, a minha fé, como eu agora a vejo, era apenas uma emoção passageira, um reflexo da minha felicidade terrena; mas eu não me quero edificar a mim mesmo com falas arrogantes e sem sentido, nem dizer que perdi a fé, nem lançar culpas ao mundo ou às pessoas, ou quem sabe acusar Deus”. Meu ouvinte, foi dessa maneira que buscaste deter-te a ti próprio, quando no teu pesar ias perder o rumo; não endureceste a mente, não foste tão tolo que imaginasses que, se este particular não houvesse acontecido, então terias guardado a fé; ou tão miserável que buscassem a companhia desta sabedoria. Vês, por isso, voltaste a ganhar, se bem que lentamente, a expetativa da fé. Quando então tudo te corre mal, quando o que lentamente edificaste num instante se dissipa e tiveste de penar para novamente começar do princípio; quando o teu braço perdeu vigor, o teu passo cambaleou, então, contudo, mantiveste-te firme na expetativa da fé que é vitória. Mesmo que não o tivesses participado aos outros para que não troçassem de ti por ainda esperares vitória no meio de toda a tua miséria, guardaste, todavia, a tua expetativa no mais íntimo do coração. “É bem certo que os dias felizes embelezam a minha fé,” dizias, “ornamentada então com a grinalda da alegria [32], mas não conseguem demonstrá-la. É bem certo que os tempos difíceis podiam trazer-me lágrimas aos olhos e pesar à mente, porém, privarem-me da minha fé, isso não conseguiram de todo.” E, se bem que os reveses não tivessem fim, então, a tua alma mantinha-se serena. “É afinal belo”, dizias, “que Deus não queira mostrar-se a mim nas coisas visíveis; separámo-nos para afinal nos voltarmos a encontrar; não poderia desejar ser sempre uma criança, que todos os dias exige provas, sinais ou obras milagrosas²². Continuasse eu a ser criança e não seria então capaz de amar com todo o meu coração, todo o meu poder e com toda a minha alma²³. Estamos agora

²² João, 4:48.

²³ Mateus, 22: 37.

separados, não nos vemos diariamente, só nos encontramos em segredo no instante vitorioso da fiel expectativa.”

A expectativa da fé é então vitória e não é possível iludir esta expectativa sem que uma pessoa se iluda a si mesma por via de se privar da expectativa, da mesma maneira como encontrou satisfação aquele que insanamente julgava que havia perdido a fé (ou julgava insanamente que uma coisa particular lhe levara a fé, ou procurava fazer crer a si próprio que havia alguém com o poder de roubar a fé a alguém) ao encontrar satisfação no pensamento frívolo de que teria sido justamente isso que lhe calhara, e encontrou alegria em angustiar os outros garantindo-lhes que existia uma coisa como essa que desferia a sua troça contra o que de mais nobre há numa pessoa e que autorizava quem tivesse passado por essa provação a desferir a sua troça contra os outros.

No entanto, uma ou outra pessoa porventura dirá: “É certamente um discurso coerente e conseqüente nele próprio; mas não é por aí que se chega mais além e, de resto, são até palavras tontas e triviais”. Não se chega mais além. Deveria então uma pessoa poder desejar antes chegar mais além do que triunfar, a ponto de até ter de realmente perder a vitória? Deveria ser assim algo tão insano e trivial que fosse a própria pessoa a tomar bem consciência de que tinha fé ou de que não tinha? Porém, quando digo “eu creio”, pode então ser apenas que aquilo que quero dizer com isso se torne para mim, demasiadas vezes, obscuro. Talvez eu esteja a errar, talvez tenha formado em mim apenas uma representação do porvir, talvez deseje, tenha esperança, talvez anseie, sinta atração por algo, deseje avidamente, talvez esteja convicto do porvir e, na medida em que assim estou, pode parecer-me que creio, apesar de afinal eu não crer. Quando, ao invés, coloco a mim mesmo a questão “esperas vitória?”, então qualquer ausência de clareza fica mais difícil; entendo então que não é apenas quem não crê que não espera absolutamente nada, mas também quem espera algo particular ou quem fundamenta a sua expectativa em algo particular. Ou não deveria isso ser de relevância, já que [33] só mesmo quem terminou com o porvir pode estar completa e totalmente no presente; mas uma pessoa só termina com o porvir por via de o vencer; mas isto é justamente o que faz a fé, pois a expectativa da fé é vitória. De cada vez que então capto a minha alma a não esperar a fé, sei então que não creio; quando sei isso, também sei então o que tenho a fazer; pois crer não é, de modo algum, matéria fácil; a primeira condição para eu conseguir alcançá-la é, afinal,

tornar-me ciente de que a tenho ou não tenho. É por isso que tantas vezes perdemos o rumo, porque buscamos uma convicção para a nossa expectativa, em vez da convicção, vinda da fé, de que cremos. O crente não exige qualquer prova para a sua expectativa; “pois”, diz ele, “houvesse eu de tomar algo como sendo ela, então, ao demonstrar a minha expectativa estaria simultaneamente a refutá-la. A minha alma não é insensível à alegria e à dor do particular; porém, Deus seja louvado, não se passa dessa maneira, o particular não consegue demonstrar ou refutar a expectativa da fé. Louvado seja Deus! O tempo não pode demonstrar ou refutar; pois a fé espera uma eternidade. E hoje, no primeiro dia do ano, quando o pensamento do porvir se me impõe, não irei então enervar a minha alma com uma diversidade de expectativas, nem a dispersarei por uma multiplicidade de ideias; quero que se recolha em si mesma e, com saúde e alegria, que vá, se possível, ao encontro do porvir. Traga o que trazer ou que tiver de trazer; muitas expectativas são frustradas, muitas são cumpridas, então, acontecerá decerto o que a experiência me ensinou; mas há uma expectativa que não haverá de ser frustrada, a experiência não me ensinou, mas também nunca teve autoridade para o negar; é a expectativa da fé e esta é vitória.

Há uma expressão breve, bem conhecida das congregações, se bem que nunca se lhe preste atenção, tão diminuta e insignificante quanto parece e, contudo, tão rica de conteúdo; plácida e, contudo, tão agitada; calma e, contudo, tão repleta de anseio. É a expressão “por fim”; pois é assim que finalizam várias das coletas sagradas lidas nas igrejas: “E assim, por fim, obter a salvação”. O mais velho entre nós, que mais perto está da meta, contempla em pensamento o caminho que para trás se estende, recordando-se do curso dos acontecimentos; as silhuetas esmaecidas voltaram a ficar vívidas, fica esmagado pelo conteúdo variegado do que vivenciou e, cansado, diz: “e assim, por fim, obter a salvação”. O mais jovem, que ainda está no começo do caminho, contempla em pensamento a longa estrada, vive em pensamento |34| o que está por vir; as dolorosas privações, as preocupações silenciosas, os tristes anseios, as intimidantes agonias da tentação; cansado de pensar, diz: “E assim, por fim, obter a salvação”. Sim, seria decerto uma grande dádiva, se uma pessoa pudesse usar esta expressão convenientemente; contudo, ninguém aprende isto de outro, mas primeiramente cada um aprende de Deus e através dele. Por isso, a ti encomendamos, Pai do céu!, o nosso ânimo e o nosso pensamento; oxalá a nossa alma nunca fique prisioneira das alegrias da vida ou dos seus

pesares a ponto de esquecer essa expressão libertadora; mas oxalá não seja também a impaciência ou a íntima inquietude a trazê-la demasiadas vezes aos nossos lábios, de tal maneira que, quando essa expressão, que como um amigo fiel nos guiou nas circunstâncias da vida e a nós se adaptou sem todavia ser infiel a si mesma, tenha sido o nosso consolo, a nossa esperança, a nossa alegria, o nosso júbilo; nos tenha soado forte e entusiasmante, suave e a meia voz; nos tenha falado em tom de admoestação e advertência, de encorajamento ou de saudação; oxalá na sua derradeira hora a nossa alma, com estas palavras, como que seja levada deste mundo para esse onde haveremos de perceber o seu pleno significado, tal como é o mesmo Deus que, depois de nos ter conduzido pela mão mundo fora, a retira, abrindo os seus braços para neles receber a alma ansiosa²⁴. Ámen!



Elisabete Marques Jesus de Sousa é Doutorada em Teoria Literária (UL, 2006). Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa desde 2007, onde executou um projecto de pós-doutoramento (2008-15), com a tradução crítica da obra em dois volumes *Ou-Ou. Um Fragmento de Vida (Relógio d'Água, 2013; 2017)* do filósofo Søren Kierkegaard. Traduziu igualmente *Temor e Tremor (Relógio d'Água, 2009)*, bem como outros pequenos textos seus publicados em periódicos. Publicou mais de cinquenta artigos e capítulos de livros com incidência na categoria do estético e na presença impactante da literatura e da música na obra de Kierkegaard; Tem leccionado cursos de curta duração em várias universidades brasileiras. É actualmente membro do International Advisory Committee da Hong Kierkegaard Library (St. Olaf's College, MN, USA).

Email: elisabetemdesousa@mail.com

²⁴ Kierkegaard já havia formulado o mesmo pensamento pelas mesmas palavras em *Sobre o conceito de ironia em constante referência a Sócrates*. Cf. *SKS 1*: 126, nota do autor; e na tradução de Álvaro L. M. Valls, *O Conceito de Ironia*, Vozes, 1991, p. 187.